

A SEMIÓTICA COMO SUBSÍDIO PARA A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE O TEMA

*SEMIOTICS AS A RESOURCE FOR KNOWLEDGE REPRESENTATION: AN ANALYSIS
CONCEPTUAL ON THE SUBJECT*

Isadora Victorino Evangelista
José Augusto Chaves Guimarães
Carlos Cândido Almeida

Resumo: Em que pese a natureza mediadora da representação do conhecimento, ao estabelecer pontes entre um conhecimento produzido e materializado pela sociedade e a apropriação desse conhecimento para geração de um novo, foi-se visto, por muito tempo, apenas como reflexo de uma prática, em que os manuais de ensino e pesquisa, via de regra, apenas sugerem as partes de maior conteúdo informacional onde podem ser encontrados os assuntos, mas não consideram outros fatores, como a experiência do indexador, suas visões de mundo e qual a melhor maneira de conduzir essa representação. A vista disso, essa área de estudos se volta, hoje, para a necessidade de um aprofundamento teórico e metodológico. Desse modo, e considerando a Semiótica como campo que estuda a representação da realidade por meio de signos, a partir das experiências vividas pelo indivíduo, analisa-se em que medida pode contribuir para a fundamentação teórica e metodológica da representação do conhecimento no intuito de demonstrar como suas representações de realidade podem auxiliar o profissional bibliotecário nas atividades de representação do conhecimento, mais especificamente no que se refere à representação temática ou de conteúdo. Para tanto, e partindo do resgate teórico sobre Representação do Conhecimento e sobre Semiótica, analisa-se a contribuição dos teóricos da área que vem tradicionalmente se dedicando a esse tema (Lara e Fujita, No Brasil, e Mai e Thellefsen, na Dinamarca) relativamente à contribuição teórico-metodológica da Semiótica para a representação de assunto, concluindo-se pela iminência de maiores reflexões teóricas sobre essa questão, de modo a que os processos de indexação possam ser encarados antes como processos interpretativos do que como fazeres técnicos do bibliotecário.

Palavras-chave: Organização do conhecimento. Indexação. Semiótica

Abstract: On the mediating nature of knowledge representation, to build bridges between knowledge produced and materialized by society and the appropriation of this knowledge to a new generation, was seen, for a long time, just as a reflection of a practice in that textbooks and research, as a rule, only suggest higher information content which can be found subjects, but do not consider other factors such as the experience of the index, their worldviews and how best to conduct this representation. As a result, this area of study turns today to the need for a theoretical and methodological deepening. Therefore, and considering the semiotics as a field that studies the representation of reality by means of signs, from the experiences of the individual, is analyzed to what extent can contribute to theoretical and methodological foundation of knowledge representation in order to demonstrate how their representations of reality may help the professional librarian in the representation of knowledge activities, specifically with regard to the subject or content representation. To this end, and based on the theoretical survey on Knowledge Representation and Semiotics, analyzes the theoretical contribution of the area that has traditionally been dedicated to this topic (Lara and Fujita, in Brazil, and Mai and Thellefsen, Denmark) for the theoretical and methodological contribution of semiotics to the representation of the subject, concluding the brink of major theoretical reflections on this issue, so that the indexing processes can be seen as interpretative rather

than as technical processes doings librarian.

Keywords: Knowledge organization. Indexing. Semiotics.

1 INTRODUÇÃO

A organização do conhecimento, enquanto campo de estudos de natureza teórica e metodológica apresenta uma dimensão natureza mediadora entre um conhecimento produzido e materializado pela sociedade e a apropriação desse conhecimento para geração de um novo. Nesse contexto, um conjunto de processos é levado a cabo, dentre os quais aquele que, valendo-se de um conjunto de instrumentos, denominados linguagens de indexação, chega à geração de produtos como catálogos e índices, viabilizando o acesso, o uso e a apropriação da informação. A esse processo, a Ciência da Informação denomina como representação do conhecimento.

A área de representação do conhecimento e da informação – entendidas como a extração de assuntos através de termos para posterior recuperação –, vista por muito tempo apenas como reflexo de uma prática, em que os manuais de ensino e pesquisa – como por exemplo as normas técnicas ou a classificação de Dewey, via de regra, apenas sugerem as partes de maior conteúdo informacional onde podem ser encontrados os assuntos, mas não consideram outros fatores, como a experiência do indexador, suas visões de mundo e qual a melhor maneira de conduzir essa representação. A vista disso, essa área de estudos sobre aspectos linguístico-semióticos se volta, hoje, para a necessidade de um aprofundamento teórico e metodológico, aspecto que vem sendo objeto de estudo de autores Lara (1993a, 1993b, 2001, 2002, 2006), Lara e Tálamo (2007), Tálamo (2001, 2009) Tálamo e Lara (2006, 2009) e outros. Desse modo, e considerando a Semiótica como campo que estuda a representação por meio de signos (SANTAELLA, 2005), questiona-se em que medida esta pode contribuir para a fundamentação teórica e metodológica da representação do conhecimento e da informação. Objetiva-se, portanto, levantar apontamentos semióticos para compreender a prática e os processos de organização do conhecimento a partir dos afazeres do profissional.

Assim, busca-se apresentar, por meio de uma revisão conceitual, a contribuição dos teóricos da área, e em que medida sua abordagem se torna inerente ao processo de representação do conhecimento e da informação, em especial no âmbito temático. Para tanto, apresenta-se, em um primeiro momento, uma seção sobre representação do conhecimento, a que se segue uma breve exposição da escola de Semiótica. Em seguida, aborda-se como a Semiótica pode se relacionar com a representação de assunto, a partir das discussões ocorridas no cenário nacional e internacional sobre essas questões, para que se possa chegar a

conclusões a respeito.

2 A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Como destaca Barité (2001), a Ciência da Informação centra sua ênfase na gestão, no tratamento e no uso social da informação. Mais especificamente no que se refere ao tratamento informacional, tem-se a Organização do Conhecimento, como matriz teórico-metodológica que subsidia as práticas de Organização da Informação, voltadas a realidades documentais específicas.

Para Hjørland (2008), a Organização do Conhecimento tem por objeto as questões e procedimentos ligados ao tratamento informacional, atentando-se para a natureza e a qualidade do conhecimento, de tal forma que se possa propiciar a utilização eficaz de sistemas para organizar documentos e suas representações. Para o autor, a Organização do Conhecimento classifica-se como sendo a base teórica para a Organização da Informação. Smiraglia (2013) ressalta ainda o fato de a Organização do Conhecimento dedicar-se à ordem conceitual do conhecimento, onde são estudadas as heurísticas de ordenação do conhecimento, de modo a que se possa ter soluções para eventuais problemas trazidos pela Organização da Informação.

Trabalha-se, aqui, com um conhecimento que, uma vez registrado e socializado (ou, em outras palavras, materializado em um documento), insere-se em um contexto onde se fazem necessários instrumentos para torna-lo disponível, para que possa subsidiar a produção de um novo conhecimento, em um movimento helicoidal (GUIMARÃES, 2008). Nesse contexto, duas abordagens se apresentam e se completam: a abordagem descritiva, que tem por objeto a representação dos aspectos físicos do documento, com vistas a sua localização, e a abordagem temática, que resulta na representação do conteúdo informacional do documento, valendo-se de procedimentos ligados à análise documental. Como se pode observar, a representação do conhecimento atua como resultado de um processo de análise inerente à organização do conhecimento, quando se busca estabelecer equivalências por meio de termos que possam expressar o conteúdo documental (ALMEIDA e GUIMARÃES, 2008).

Nessa etapa final – a representação - o documento passa por um processo de interpretação por parte do bibliotecário, de tal forma que se possa estabelecer uma ponte entre o recurso e o usuário, ponte essa que se materializa por meio de termos estabelecidos pelo bibliotecário, que passam a atuar como representações de realidade daquele documento (GUIMARÃES, 2008).

De acordo com Dahlberg (2006), representação do conhecimento vai além de uma lógica de representação conceitual, atingindo “todas as questões relacionadas a nomear conceitos pelos termos mais aptos, onde as questões de terminologia também devem ser consideradas.” (DAHLBERG, 2000, p. 12).

Como instrumentos para a Representação do Conhecimento temos aquilo que a corrente anglo-saxônica denomina linguagens de indexação e a corrente francesa denomina linguagens documentais, que se caracterizam por serem elementos criados artificialmente “que auxiliam os processos de tratamento e recuperação de documentos, sendo utilizadas em etapa subsequente à identificação e à seleção de conceitos contidos nos conteúdos documentais” (SALES et al., 2011, p. 3).

As referidas linguagens são constituídas a partir de termos, notações ou símbolos, construídos artificialmente, e visam ao tratamento e à recuperação da informação, podendo diferir tipologicamente a partir da maneira como são estruturadas como por ex. sistemas de classificação, listas de cabeçalhos, tesauros, taxonomias, ontologias, etc. (SALES et. al., 2011, p. 9).

A representação do conhecimento e da informação está, portanto, comprometida com a Organização do Conhecimento, se estabelecendo através de âmbitos como a classificação e a indexação.

3 SEMIÓTICA PEIRCEANA

Para que se possa abordar, ainda que sucintamente, a Semiótica como universo de estudos, necessário se faz recorrer, preliminarmente, à Semiologia, explicitando a diferença entre os termos, como área que também busca centrar suas reflexões nos signos linguísticos, mas mais especificamente a partir das estruturas da linguagem. É importante explicitar no entanto, que é impossível resumir em poucas páginas os conceitos das duas escolas.

A Semiologia, de origem europeia encontra bases na Linguística, a partir dos estudos da linguagem e da comunicação por meio de signos, e nasce a partir da necessidade de que, em algum momento, a realidade seja representada. Para a Semiologia, nada que não possa ser expresso por meio de palavras, é considerado. Portanto, as experiências e a cognição humanas não são cogitadas, pois linguisticamente elas não podem ser representadas (NOTH, 1996).

De acordo com Noth (1996), Saussure apresenta a linguagem como a conjunção de LINGUA + FALA em que a linguagem atua como um conjunto de regras, normas e palavras, a língua, como um sistema subjacente, e fala, como um mecanismo de uso. Como destaca o referido autor, esse campo encontrou significativa contribuição de teóricos como Hjelmslev,

que se preocupou em formalizar a teoria linguística através de sua ideia sobre signo glossemático; Barthes, que apresentou os conceitos de denotação e conotação como elementos da Semiologia; Morris, que dividiu a Semiologia em sintática, semântica e pragmática consideradas os fundamentos para a teoria dos signos; Greimas, com seu conceito de Semiologia discursiva, e Eco, ao propor um campo/espço de estudos semióticos que fosse além de uma simples disciplina. Nesse contexto, têm lugar, também, as concepções de Semiótica de Peirce, que se desenvolveram notadamente nos Estados Unidos e constituíram uma escola à parte.

A denominada Semiótica Peirceana, a partir das concepções de Charles Sanders Peirce, encontrou fundamento nas teorias científicas, em que todas as conclusões necessitam estar fundamentadas a partir de evidências, que futuramente serão interpretadas e estarão sujeitas às críticas da comunidade científica. Sendo assim, nenhuma teoria científica é infalível, devendo estar sempre submetidas a correções e revisões (SANTAELLA, 2005).

Considerando também as experiências e outras formas de comunicação que não sejam estritamente humanas, como a linguagem animal, a Semiótica vai além das preocupações da Linguística, sobre a lacuna entre a percepção e a cognição, para abordar também os extremos desses dois, considerados extralinguísticos. Assim, qualquer coisa que substitui/representa outra pode ser considerada um signo, como por exemplo, uma palavra que denomina um objeto; ela não é o objeto em si, mas apenas uma representação da realidade do que aquele objeto é (SANTAELLA, 2005).

O signo, para Peirce, é composto por uma relação triádica indissolúvel, composta pelo seu fundamento, seu objeto e seu interpretante, sendo que não há pensamento sem o signo pois a mente humana está o tempo todo atribuindo signos para coisas reais, mesmo que não haja plena consciência desse fator. Para tanto, três categorias se apresentam: a primeiridade, quando ainda não se tem a consciência do que se está ao redor (como, p.ex., a não-consciência de todos os elementos quando se está na estrada, como a cana-de-açúcar se movendo na plantação); a segundidade, quando se toma consciência de que não se está sozinho em um determinado espaço, havendo outros elementos dividindo a mesma atmosfera); e a terceiridade, quando a mente consegue estabelecer relações entre os objetos e o ser (ALMEIDA, 2009).

As concepções peirceanas de Semiótica encontram fundamento na categorização que o referido autor estabelece para o campo da Filosofia, dividindo-a primariamente em Fenomenologia, Ciências Normativas e Metafísica. As Ciências Normativas, por sua vez, constitui-se pela Estética, pela Ética e pela Lógica ou semiótica (que, por sua vez, se

subdivide em Gramática pura ou especulativa, Lógica crítica e Metodêutica ou retórica especulativa) (SANTAELLA, 2005).

Para Ibri (2001, p. 67) a “Fenomenologia ou Faneroscopia, para C. S. Peirce, é uma ciência daquilo que aparece à experiência e, segundo o autor, trata-se da primeira das ciências da Filosofia.”

No contexto das Ciências Normativas, “voltadas para a compreensão dos fins, das normas e ideais que guiam o sentimento, a conduta e o pensamento humano” (SANTAELLA, 2005, p. 36), tem-se a Estética, a Ética e a Lógica (ou semiótica). Assim, a Estética determina o que nos é belo, tudo aquilo que é admirável e que seja “ (...) necessário abrir o espírito para aprender através das sensações e das qualidades dos objetos que surgem com a experiência” (ALMEIDA, 2009, p. 191), ao passo que, na Ética, tem-se a determinação das justificativas do que deve ser considerado certo e errado em uma sociedade, estabelecendo caminhos que devem ser seguidos por ela. Para tanto, utiliza-se da determinação do belo, ou seja, da estética (ALMEIDA, 2009).

Na Lógica ou Semiótica tem-se a teoria dos signos, este entendido como “(...) aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido” (PEIRCE, 2005, p. 46).

Iniciando-se pela gramática especulativa, a Semiótica, nessa etapa, tem os signos estudados enquanto forma, determinando o que devem conter para serem como tal (SANTAELLA, 2005).

Peirce ainda divide o signo em três tricotomias. A primeira tricotomia diz respeito ao relacionamento do signo com ele mesmo, podendo ser Qualissigno, o Sinsigno e o Legissigno. A segunda tricotomia refere-se ao relacionamento do signo com o seu objeto, tendo como tipos o Ícone, o Índice e o Símbolo. Já na última tricotomia, tem-se a relação do signo com seu interpretante a partir de três aspectos: Rema, Dicissigno e Argumento (PEIRCE, 2005).

Na categoria peirceana do Argumento, tem-se a lógica crítica, a partir da abdução, da dedução e da indução, em que a Abdução “formar uma predição geral sem nenhuma certeza positiva de que ela se verificará (...) como única esperança possível de regular racionalmente nossa conduta futura.” (PEIRCE, 2005, p. 60), a Dedução parte de um argumento representado como “pertencendo a uma classe geral de argumentos possíveis exatamente análogos” de tal forma que, ao longo do tempo aqueles com premissas verdadeiras levarão a conclusões verdadeiras.” (PEIRCE, 2005, p. 59), e a Indução, como:

um método de formar Símbolos Discentes relativos a uma questão definida, cujo o método o Interpretante não representa como capaz de proporcionar, a partir de premissas verdadeiras, resultados aproximadamente verdadeiros na maioria dos casos e, no decorrer da experiência, considerando, no entanto, que se persistir nesse método, a longo prazo chega-se à verdade ou a um ponto sempre mais perto da verdade, a respeito de qualquer questão (PEIRCE, 2005, p. 60).

Desse modo, observa-se, na Abdução, o nascimento das hipóteses; na Dedução, o espaço em que as consequências lógicas são levadas em conta e, na Indução, a possibilidade de se testar a hipótese inicial.

4 A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E DA INFORMAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A SEMIÓTICA PEIRCEANA

A partir do momento que o signo representa algo, o livro, em um catálogo pode ser considerado um signo, já que ele é a representação da realidade do livro como objeto físico.

Tal processo vem sendo diferentemente denominado, na literatura da Ciência da Informação, como de criação de *substitutos de conhecimento* (CUBILLO, 199), de *substitutos documentais* (OLSON, 2002 a, b) ou de *substitutos bibliográficos* (HOWARTH, 2005), em que se supõe que um documento seja representado por meio de uma série de termos, que serão interpretados por futuros usuários, sujeitos a críticas e à aceitação daquele público. Dessa forma, uma linguagem documental deve estar sempre aberta a revisões e eventuais correções, o que lembra o início das reflexões de Peirce a partir das teorias científicas e suas validações.

Resgatando a segunda tricotomia do signo - Ícone, o Índice e o Símbolo, que se refere à relação do signo com seu objeto, tem-se o índice, que sugere o objeto, mas não é o objeto em si. Observa-se, assim, uma nítida relação com a elaboração de índices pelos indexadores, uma vez que o índice sugere um conteúdo mas não é o conteúdo documental em si. Assim, o profissional indexador busca um *hábito interpretativo* em que, por meio de procedimentos mentais, procura estabelecer as diversas interpretações que podem ser dadas àqueles documentos. No entanto, ainda não se tem certo como isso é realizado e o que é nele considerado, aspectos que podem receber significativa contribuição da Semiótica (ALMEIDA e GUIMARÃES, 2008).

Os assuntos são, assim, dispostos a partir da percepção de mundo do indexador e de como eles se relacionam com determinado documento, sendo o termo indexador considerado como signo, enquanto o assunto deve ser identificado como um interpretante e, o documento,

como objeto.

Essa percepção de mundo do indexador traz consigo aquilo que Olson (2002) denomina como “poder de nomear” na medida em que o resultado da representação fica a mercê daqueles elementos que o indexador, a partir de sua visão de mundo, considera relevantes, o que caracteriza um processo eminentemente interpretativo.

Um estudo realizado por Almeida (2014), busca demonstrar através de uma coleta de dados os principais autores que trabalham com a temática e em que nível a temática é trabalhada. Pode-se perceber que autores como Peirce, Lara, Santaella e Tálamo, além de serem autores produtivos na área, são os que mais são citados. Também é importante ressaltar que, no universo pesquisado, os artigos relacionados ao tema ainda representam uma porcentagem pequena, se comparado ao número total.

No âmbito da Semiótica relacionada à representação do conhecimento, alguns autores realizaram significativas pesquisas sobre o tema, como abordado a seguir.

Representação do conhecimento

Ainda no cenário internacional, Thellefsen (2002) nos apresenta uma teoria de desenvolvimento de um modelo semiótico para organização do conhecimento, em que parte da premissa que o principal objetivo dos sistemas de organização do conhecimento é tornar o conhecimento acessível para determinada comunidade, mas, muitas vezes, esses sistemas não conseguem levar em conta as estruturas cognitivas desse conhecimento. Para o desenvolvimento científico é necessário que haja uma visão sócio-pragmática, unindo o conhecimento como produção, comunicação e interação social (THELLEFSEN, THELLEFSEN, 2004, p. 178).

Para o autor, a língua deve ser vista como independente do indivíduo em si, tendo sua evolução a partir apenas do contexto social. Assim, os significados das palavras assumem uma questão social e cultural. Dessa forma, fica mais fácil abordá-la a partir de um olhar mais cognitivo do que apenas linguístico.

Thellefsen e Thellefsen (2004) ao definirem *domínios de conhecimento*, relatam como sendo campo de conhecimento que contenha todo o conhecimento relacionado a determinado objeto ou ainda, sobre certa perspectiva. Ou seja, o conhecimento pode ser entendido como dependente de determinado ponto de vista, estabelecendo o que é significativo dentro daquela área.

Ao abordar aquilo que denomina *conceito significativo*, o autor destaca que um conceito geralmente traz mais informações para determinadas comunidades do que para

outras, o que ocorre a partir da relação entre o signo e o contexto. No âmbito científico, por exemplo, os conceitos que são referência constituem signos fundamentais, que “contém o mais vasto potencial de conhecimento e comunica o máximo de informação para o intérprete, considerando o nível de conhecimento do intérprete” (THELLEFSEN, 2002, tradução nossa, p. 77). Desse modo, representam unidades de conhecimento potenciais para aquela área, na medida em que são conceitos significativos, dos quais derivam conhecimentos posteriores, sendo que essa criação de novos conceitos só cessa, quando os conceitos começam a se tornar redundantes.

Para entender a natureza desses signos fundamentais, é necessário compreender o processo de evolução do domínio do conhecimento. Essa evolução ocorre pela constante criação de hábitos, por pessoas que possuem o mesmo objetivo dentro daquele domínio do conhecimento e para que um signo fundamental seja considerado como tal, é necessário que ele possua vários conceitos relacionados a ele, com cada um deles interpretando aspectos fundamentais do signo inicial (THELLEFSEN, 2002).

Em uma experiência na área de Terapia Ocupacional, o autor, para identificar os signos fundamentais da área e, portanto, estabelecer seu método de organização do conhecimento, o autor conversou com um grupo editorial da área para identificar qual era o signo fundamental da Terapia Ocupacional na opinião deles. Chegando ao resultado de que “atividade” poderia ser considerada o conceito fundamental, o autor perguntou a alguns professores da área se concordavam com a opinião do grupo, o que foi aceito também como opinião dos professores. A partir disso, o autor passou a estabelecer todos os conceitos relacionados à palavra atividade, para determiná-la como, de fato, um signo fundamental. Em etapa posterior, o autor isolou os conceitos relacionados à *atividade*, chegando a outros conceitos relacionados e, dessa forma, estabelecendo novos conceitos a partir de conceitos iniciais (THELLEFSEN, 2002).

Em termos semióticos, o Thellefsen (2002) propõe uma adequação da tríade peirceana para o domínio do conhecimento, onde o objeto é a manifestação do potencial do conhecimento, o fundamento como sendo o termo em si e o interpretante, o hábito interpretativo que ocorre quando se entende o significado do conceito.

O autor ainda considera os conceitos como sendo icônicos, índices e símbolos, já que eles são considerados organizadores do conhecimento, sendo imbuídos de conhecimentos. Também podem ser considerados objetos dinâmicos, pois são propensos a diferentes interpretações (THELLEFSEN, THELLEFSEN, 2004, p. 183).

A terceiridade, com seus conceitos interpretativos, é, para Thellefsen (2002), a parte

mais importante para o domínio do conhecimento, uma vez que para um signo significar algo, deve haver certa regularidade subjacente e essa regularidade é proposta por meio de criação de hábitos sociais, o que é fator predominante na hora de se estabelecer um domínio de conhecimento.

Representação da Informação

Especificamente no que se refere às contribuições da semiótica peirceana para a representação do conhecimento, em especial naquilo que a corrente francesa denomina como representação documental, relativa ao conteúdo temático do documento, ressalta Lara que a abordagem linguístico-semiótica propicia uma melhor compreensão da linguagem documental como forma de organização de um conjunto de signos, assim como “suas características e forma de funcionamento enquanto sistema semiótico particular.” (LARA, 2006).

Para a referida autora, a semiose é “a passagem contínua de signo a signo, que envolve também (...) o intérprete e o contexto” sendo que “o signo é sempre uma correlação entre uma forma significante e uma unidade que definimos como significado” (LARA, 2006).

Lara e Tálamo (2007) ressaltam que a elaboração de produtos documentários é composta por uma série de atividades carregadas de valores e que, portanto, devem conter bases para que não sejam definidos aleatoriamente a partir de apenas pontos de vistas de indexadores.

As autoras ainda apontam que esse processo permite produzir uma interpretação global, onde as unidades documentárias relacionam-se com aquelas definidas para compor a linguagem documentária.

Lara (2007) destaca, ainda, que esse processo de tradução – de linguagem natural para uma linguagem controlada – envolve claramente a questão da significação e do contexto em que ela se encontra. Essa interpretação poderá ser diferenciada quando levada em conta a experiência colateral do interpretante, o conhecimento prévio que o interpretante possui sobre aquele conceito.

Para tanto, é estabelecido o conceito de signo documentário, elemento que funciona como representativo de informação, considerando o contexto em que ele se encontra (LARA, 2007). Dessa forma, propõe-se o conceito de *semiose documentária*, onde operadores semântico-semióticos localizam em determinado domínio, quais sejam: os termos e sua relação de significação. Para tanto, por meio de elementos como termos genéricos, específicos, associativos e de equivalência, registros de definições e notas de explicação, pode-se estabelecer a interpretação do significado dos documentos recuperados (LARA,

2006).

Ainda no cenário brasileiro, Mariângela Fujita e seus colaboradores vêm desenvolvendo pesquisa também nessa área, tendo como pressuposto fundamental o fato de que “a origem sígnica do processo de indexação, sob a luz da teoria peirceana, é um recorte conceitual necessário para a ampliação de nosso horizonte investigativo” (DAL’EVEDOVE, ALMEIDA e FUJITA, 2013, p. 191), sendo que as concepções peirceanas de conceitos científico e do hábito encontram-se diretamente ligadas ao processo de indexação de assunto, uma vez que hábitos devem ser desconstruídos quando não prezarem pela recuperação documental, experiência colateral – considerando que a interpretação do indexador será alterada de acordo com as experiências colaterais vividas por aquele indivíduo, interpretação de conceitos – a tradução de assuntos para termos, e classes de signos.

Nesse âmbito, a interpretação de conceitos atua como tarefa inerente à indexação de assunto, recebendo importante subsídio da Semiótica acerca da explicação de como ocorre esse processo de interpretação, tarefa ainda pouco explorada pelos teóricos da área pois, em que pese a inexistência de um consenso na literatura da Ciência da informação sobre as etapas do processo de indexação de assunto, deve-se considerar o fato de que tais etapas visam a interpretar conceitos “de forma esquemática e operacional, além de possuírem uma interface com as classes de signos.” (DAL’EVEDOVE, ALMEIDA, FUJITA; 2013, p. 197). Tem-se, assim, um contínuo processo de interpretação de signos, que pode se estabiliza mas que nunca cessa, uma vez que as interpretações individuais irão sempre ocorrer.

Como destacam Almeida, Fujita e Reis (2013), a inferência proposta por Peirce está intimamente ligada aos processos de indexação, na medida em que os processos cognitivos para descoberta de novas informações é fundamental para estabelecer a indexação de um documento. Nesse contexto, as relações do signo consigo mesmo, do signo com o objeto dinâmico e do signo com o interpretante compõem a base da tricotomia estudada por Peirce na Gramática Especulativa, ao que se aliam os estudos de inferência desenvolvidos por Peirce no âmbito da Lógica Pura, em que a abdução constitui o estágio criativo da indexação, a dedução, o estágio geral da indexação, e a indução atua como fase de teste e continuidade da representação documental.

Desse modo, as fases da indexação de assunto podem caracterizar os tipos de signos e as tricotomias descritas por Peirce, uma vez que a indexação trabalha com a criação de novos signos e a taxonomia dos signos pode auxiliar na compreensão da natureza semiótica do processo de indexação. Nesse contexto, os indexadores são predispostos a chegar às suas conclusões por meio de inferências, condição essencial para utilizar-se da Semiótica para

conhecer a realidade.

Tais aspectos reforçam a assertiva de que a Semiótica, notadamente a partir das concepções peirceanas, é essencial no processo de indexação, uma vez que esta atividade é intelectual e, portanto, inferencial.

Em seu modelo de indexação baseado na semiótica peirceana, Jens-Erik Mai destaca o nível de interpretação subjetiva que ocorre no momento da indexação, de tal forma que não se pode falar em um modelo ou um pressuposto de como se deve indexar. Para o autor, a primeira etapa do processo de indexação consiste na análise do documento, enquanto a última etapa é a análise de assunto, diretamente ligada às necessidades dos usuários. Assim, a análise do documento baseia-se tanto no texto como no conhecimento prévio do indexador, atentando-se para as partes do texto que mais interessam aos usuários potenciais daquela unidade informacional. O autor destaca ainda que as atividades de busca dos usuários em catálogos, por meio de termos representativos, para uma futura utilização dos documentos, é em si, um ato de interpretação. (MAI, 1997, 2000, 2001).

Uma vez que as linguagens documentais, enquanto linguagens de representação de conteúdo informacional preocupam-se com a linguagem e o significado que essa linguagem pode trazer, ou seja, em como um assunto pode ser representado por meio de termos, destaca-se o fato de que a filosofia da linguagem preocupa-se com a forma em que significado é determinado e estabelecido e como essa linguagem pode representar essa realidade. Tais aspectos reforçam ainda mais a forte relação entre as preocupações da Semiótica e as preocupações da Indexação. (MAI, 2001).

Ao conceber a indexação como um conjunto de etapas ou processos interpretativos que, via de regra, se resume em: determinar os principais assuntos do documento, formular os assuntos a partir de uma linguagem natural e depois, traduzi-los para uma linguagem de indexação, o autor acrescenta, ainda, elementos importantes como a configuração do documento sob análise, os assuntos do documento tal como podem ser buscados a partir da necessidade do usuário, a organização e coesão na descrição dos assuntos, e por último, a configuração terminológica dos assuntos. No entanto, destaca a falta de tal preocupação dos guias de indexação comumente utilizados pelos bibliotecários acerca de como deve ocorrer a indexação no momento da leitura documental, ou seja, o que deve ser buscado e estabelecido como assunto, pois apenas indicam algumas fontes potenciais, aspecto que vem sendo tradicionalmente estudado por Fujita (2007, 2008, 2009).

Mai sugere a teoria de Peirce como uma importante base teórica para a indexação, por ela incluir uma explicação de como o processo de significação ocorre, pois o foco da

Semiótica não é especificamente o que o fenômeno significa mas, sim, em porque e como o significado existe (MAI, 2001). O autor lembra a distinção de Peirce entre a entrada física, como as palavras, a ideia a qual essas palavras se referem e o significado que derivam dessas palavras (MAI, 1997).

Indo além, o autor ressalta que um elemento chave na teoria de Peirce, é a ideia de Semiose Ilimitada, baseada no fato de que um signo é gerado a partir de um outro signo, produzindo um novo signo. Como novos signos sempre gerarão outros signos, esse processo pode continuar ilimitadamente (MAI, 2001). Isso, como destaca o autor, ocorre na indexação, em que novos signos são desenvolvidos a partir dos iniciais, ao que denomina como *modelo semiótico de indexação* (MAI, 1997, 2000, 2001).

O autor percebe, então, que o processo de análise de conteúdo pode ser considerado como signo, uma vez que o *representamen* é a descrição de conteúdo e o interpretante é o termo de entrada, enquanto os objetos são os recursos aos quais a análise se refere (MAI, 1997). Nesse contexto, verificam-se diferentes tipos de signos e de níveis de interpretação, uma vez que podem ser apenas ações ou, mais especificamente, podem estar relacionadas de acordo com o contexto social em que se encontram. Assim, antes de um documento ser indexado, ele foi criado dentro de um contexto, e ele próprio é resultado de diversas interpretações por parte do autor. Quando ele for indexado, deverá passar por novas interpretações pelo indexador, que deverá levar em consideração o contexto social que o documento foi criado.

Para Mai (2001), a semiose pode ser claramente encontrada dentro de três etapas de indexação: inicialmente, quando o documento torna-se objeto de análise, um objeto a ser interpretado, passando a ser um *representamen*, em que o produto é um novo signo; em uma etapa intermediária, em que o *representamen* passa a ser o conjunto de temas do documento (e não mais o próprio do documento), e a descrição de assunto passa a ser o interpretante; e finalmente, quando a descrição de assunto atua como *representamen*, tendo por *interpretante* os termos de descrição.

Resgatando as tricotomias, o autor (MAI, 2001) evidencia o fato de que podemos relacionar os elementos com as tricotomias dos signos, de tal forma que o documento constitui um argumento, os assuntos atuam como símbolo discente e a descrição de assunto por meio de termos constitui legisigno indicial discente. E justifica tais escolhas alegando que; a) o documento recebe a atribuição de argumento por ser complexo e possuir uma série de ideias, cabendo ao indexador selecioná-las para realizar uma descrição de uma maneira mais formal; b) a escolha símbolo discente para os assuntos de um documento dá-se por conta da

interpretação de um assunto ser menos complexa do que a interpretação de um documento como um todo e, c) os termos são legísimos, discentes, uma vez que são menos complexos que o documento e a descrição de assunto, que indicam e sugerem o documento e porque dependem mais da interpretação do indexador do que dos outros dois itens.

Relativamente à atribuição de termos no que se refere às tricotomias dos signos, deve ser levado em consideração seu contexto. Assim, caso o indexador esteja familiarizado com a linguagem documental, o interpretante será uma rema e, o objeto, um índice, uma vez que será interpretado de forma fácil e aponta o objeto e as ideias associadas a ele. Porém, caso o usuário seja novo ao utilizar aquela linguagem, o interpretante seria discente enquanto o objeto seria um símbolo, considerando que o usuário necessitará interpretar de uma maneira mais complexa aquele termo, que será uma convenção dependendo do contexto cultural e social.

Para o autor, maiores estudos nessa área são necessários, principalmente dentro da análise de conteúdo documental, já que esse é o primeiro passo no momento da indexação, ressaltando o quão interpretativo e variável se apresenta todo o processo de representação de assunto, que depende, em grande medida, do contexto cultural e social do indexador (MAI, 1997, 2000, 2001).

5 CONCLUSÃO

No contexto dos estudos da organização do conhecimento, os processos de representação foram tradicionalmente abordados pela área a partir de sua dimensão eminentemente prática, enquanto conjunto de fazeres, relegando a segundo plano a fundamentação teórica que poderia estar neles subjacentes, como é o caso das questões relacionadas à semiótica, assunto ainda necessita de maiores estudos.

Pode-se perceber que essa necessidade é cada vez mais iminente, uma vez que as reflexões teóricas oriundas da Semiótica auxiliam a estabelecer parâmetros para a construção de signos, enquanto representações do conhecimento, contribuindo, dessa forma, para o fortalecimento teórico metodológico da representação do conhecimento e da informação no universo da Ciência da Informação, uma vez que os processos semióticos baseados na interpretação e representação podem trazer especial aporte teórico-metodológico ao indexador, em especial no momento de identificação e de representação de assunto em documentos, deslocando-se de uma concepção até então ingênua da área no sentido de que o documento apresenta uma única e explícita tematicidade para, por outro lado, considerar fatores mais amplos e complexos, como a experiência do indexador, suas visões de mundo e

qual a melhor maneira de concatenar esses aspectos com a dimensão temática do documento a ser representado.

Demonstra-se necessário, o investimento nos teóricos da área, que se demonstraram ter a formação necessária para abordarem o tema e a maior regularidade nas publicações, uma vez que além de terem poucos teóricos que tratam sobre o assunto, ele ainda não é tratado com uma regularidade maior.

É importante se explicitar que ainda não é possível, com esse estudo, contribuir para os aspectos práticos da atuação profissional e que as discussões trabalhadas, não são as únicas abordagens sobre os temas. Faz-se necessário, portanto, uma maior abordagem sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C. Índícios da presença de fundamentos semióticos na literatura da ciência da informação. **Scire**, v. 20, n. 1, p. 65 – 71, 2014.

ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. L. S.; REIS, D. M. Peircean semiotics and subject indexing: contributions of speculative grammar and pure logic. **Knowledge Organization**, v. 39, p. 225-241, 2013.

ALMEIDA, C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Análise peirceana do processo de indexação: em busca de fundamentos para a organização da informação. **In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, IX**, 2008, São Paulo. São Paulo: ENANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.enancib2008.com.br/>>. Acesso em 22.04.2014.

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p.35-60.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: a new science?. **Knowledge Organization**, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DAL'EVEDOVE, Paula Regina ; ALMEIDA, Carlos Cândido ; FUJITA, M. S. L. . A interpretação de conceitos no processo de indexação: aspectos e reflexões semióticas. In: RIBEIRO, F., CERVEIRA, M. E.. (Org.). Informação e/ou conhecimento: as duas faces de Jano - **Atas do I Congresso ISKO Espanha e Portugal e XI Congresso ISKO España**. 1ed.Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CETAC.MEDIA, 2013, v. 1, p. 190-203.

FRIEDMAN, A.; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of Documentation**, v. 67, n. 4, p. 644-674, 2011.

FUJITA, M. S. L. Abordaje cognitivo de la lectura documentaria en la formación inicial del indexador: uso del protocolo verbal en la investigación de estrategias de enseñanza. **Scire (Zaragoza)**, v. 15, p. 1-12, 2009.

- FUJITA, M. S. L. La enseñanza de la lectura documentaria en el abordaje cognitivo y socio-cognitivo: orientaciones a la formación del indizador. **Anales de Documentación**, v. 10, p. 1-16, 2007.
- FUJITA, M. S. L.; FERREIRA, G. I. S. Ensino do processo de análise de assunto para indexação com aplicação de um modelo de leitura: estudo de avaliação comparada em cursos de graduação em biblioteconomia no Brasil. **Ibersid (Zaragoza)**, v. 2, p. 163-176, 2008.
- GUIMARÃES, J.A.C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 77-99, 2008.
- HJØRLAND, B. What is knowledge organization?. **Knowledge Organization**, v. 35, n. 3/2, p. 86-101, 2008.
- IBRI, I. A. Ser e aparecer na filosofia de Peirce: o estatuto da fenomenologia. **Cognitio**, n. 2, p. 67-75, 2001.
- LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, p. 223-226, 1993a.
- LARA, M. L. G. É possível falar em signo e semiose documentária?. **Encontros Bibli (UFSC)**, v. n.esp., p. 18-29, 2006.
- LARA, M. L. G. Linguagens documentárias, instrumentos de mediação e comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1/2, p. 72-80, 1993b.
- LARA, M. L. G. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 127-139, 2002.
- LARA, M. L. G. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. **DataGramaZero**, v. 2, n. 6, 2001.
- LARA, M. L. G.; TALÁMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface lingüística documentária e terminologia. **DataGramaZero**, v. 8, n. 5, 2007.
- MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, v. 57, n. 5, p. 591-622, 2001.
- MAI, J-E. The concept of subject: on problems in indexing. In: McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval: 6th International Study Conference on Classification Research**. The Hague: FID, 1997, p. 60 – 67. (FID, n. 716).
- MAI, J-E. **The subject indexing process: an investigation of problems in knowledge representation**. 2000. 344 f. Tese (Doutor em Filosofia) - Faculty of Graduate School of Library and Information Science, The University of Texas at Austin.
- NOTH, W. **Semiótica do século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução por José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PEIRCE, C. S. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. Indiana University Press, 1998.

SALES, R. et. al. Redes sociais em linguagens documentais: uma análise de coautoria a partir da realidade brasileira. **Encontros Bibli**, v. 16, n. 31, p. 1-24, 2011.

SANTAELLA, L. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2005.

TÁLAMO, M. F. G. M. Knowledge production, interdisciplinarity, and structuralism. **Electronic Journal of Communication Information & Innovation in Health**, v. 3, n. 3, p. 119-126, 2009.

TÁLAMO, M. F. G. M. Terminologia e documentação. **TradTerm**, v. 7, p. 141-151, 2001.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. M. Interfaces between linguistics, terminology and documentation. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 2, p. 54-70, 2009.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. M. O campo da lingüística documentária. **TransInformação**, v. 18, n. 3, p. 203-211, 2006.

THELLEFSEN T. L.; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 3, p.177 – 187, 2004.

THELLEFSEN, T. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, v. 142, n. 1/4, p. 71-90, 2002.